Aula 4

A REVOLUÇÃO COMERCIAL E OS MERCADORES

META

Estudar a reativação do comércio nas cidades européias do ocidente e o papel dos mercadores.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Analisar a relação entre as cidades e a reativação do comércio a partir do século XI.

Indicar mudanças econômicas resultantes do grande comércio medieval.

Destacar o papel do mercador na transformação da sociedade medieval.

Lenalda Andrade Santos
Bruno Gonçalves Alvaro

INTRODUÇÃO

O aumento do volume de vendas acontecido a partir do século XI na Europa Ocidental e as mudanças econômicas que provocou foram de tal ordem que permitem se falar numa revolução comercial.

Por um conjunto de circunstâncias, especialmente a que diz respeito ao chamado renascimento urbano, a atividade comercial que se viu reduzida na Alta Idade Média a um pequeno movimento de trocas e de circulação de mercadorias, começou a crescer e a incentivar outras mudanças econômicas.

Num movimento cíclico, o desenvolvimento do comércio estimulou o artesanato, o que se refletiu do aumento da importância dos espaços urbanos, e, em especial, das pessoas que foram se profissionalizando e fazendo fortuna com as atividades produtivas, caso dos mercadores.

Considerando a amplitude do tema em pauta vamos apenas indicar algumas questões a ele relacionadas e indicar uma bibliografia que pode ajudá-los a conhecer mais sobre o assunto.

A REVOLUÇÃO COMERCIAL

Feira Medieval

Figura 8: Renascimento Comercial / http://www.alunosonline.com.br

"Desde os primeiros séculos da Idade Média, a economia ocidental produziu também para vender, mas é a partir do século XI que o volume de produtos aumenta sensivelmente. Pode-se dividir os principais deles em sete setores: 1) alimentação (grãos, vinhos, sal, peixes defumados ou salgados);

2) vestuário (lã, linho, peles, couros, produtos tintoriais); 3) construção (pedras e madeiras); 4) transportes terrestres (cavalos); 5) iluminação (cera); 6) metalurgia (metais em lingotes, armas, ourivesaria); 7) cerâmica e vidraria". (ANTONETTI, 1977, p. 93).

Quais fatores contribuíram o desenvolvimento do comércio na Idade Média?

Segundo Le Goff, "a revolução comercial, de que a cristandade medieval foi o teatro entre os séculos XI e XIII, está ligada a alguns grandes fenômenos relativamente aos quais é difícil discernir em que medida constituiram causas ou efeitos.

Em primeiro lugar, o fato de pararem as invasões. Germanos, Escandinavos, Nômades das Estepes Euroasiáticas, Sarracenos vão deixar de penetrar no coração da cristandade, de desfraldar velas sobre as suas costas. Aos combates sucedem-se as trocas pacíficas – aliás, modestamente nascidas no próprio seio das lutas – e estes mundos hostis revelam-se grandes centros de produção ou de consumo: Por um lado, a oferta de cereais, peles, escravos do mundo nórdico e oriental; por outro, o atrativo das grandes capitais do mundo mulçumano donde afluem, em troca, os metais preciosos da África e da Ásia.

A paz – relativa – sucede às incursões as pilhagens, e a segurança permite a renovação da economia e, sobretudo, assim que as rotas terrestres e marítimas se tornam menos perigosas, a aceleração, se não mesmo o recomeço do comércio. Ou melhor, reduzida a mortalidade acidental, melhoradas as condições de alimentação e as possibilidades de subsistência produz-se um incomparável surto demográfico que fornece à cristandade consumidores, produtores, mão de obra, um reservatório, onde o comércio vai buscar os seus homens. E quando a marcha se inverte, quando a cristandade ataca por sua vez, o grande episódio militar das cruzadas não é mais do que uma fachada épica à sombra da qual se intensifica o comércio pacífico.

A estas perturbações está ligado – fenômeno capital – o nascimento ou o renascimento das cidades. Criações crescentes ou velhas aglomerações, a sua característica nova e mais importante é a primazia da função econômica. Etapas de rotas comerciais, entroncamento de vias de comunicação, portos marítimos ou fluviais, o seu centro vital, o novo bairro das lojas, do mercado, do trânsito das mercadorias, fica do lado do velho castelo feudal, do núcleo militar ou religioso. É ao desenvolvimento das cidades que estão ligados os progressos do comércio medieval; É no quadro urbano que é necessário reintegrar o crescimento do mercador medieval" (LE GOFF, 1982, p. 11).

Figura 9: As Feiras Medievais / http://www.mundoeducacao.com.br

Aos fatores que contribuíram para a revolução comercial, conforme indicação de Le Goff, podemos ainda acrescentar a intensificação da atividade agrícola, a ampliação das áreas de cultivo e alguns progressos, como o uso do ferro, ao invés da madeira, na confecção da enxada, da foice e do arado, o que colaborou para tornar as colheitas mais abundantes.

Além disso, "os transportes e as comunicações também foram aperfeiçoados. Os cascos dos animais de carga receberam ferraduras. Os europeus começaram a fabricar moinhos de água; sobre os rios foram construídas pontes pênseis (sustentadas por cabos ancorados, suspensas sobre a água). A tração animal foi mais bem aproveitada com a atrelagem em fila e a criação da coleira no peitoral do animal. No século XII, a necessidade de transportar pessoas, armas e cavalos para as cruzadas resultou na fabricação de navios com capacidade de carga muito maior.

Todas essas inovações possibilitaram o início de uma produção de excedentes e o deslocamento de parcela da população, que conseguiu se desprender da terra onde trabalhava, para atividades não vinculadas ao campo. Atividades como o artesanato e o comércio desenvolveram-se nas cidades, impulsionando o renascimento desses locais". (COSTA e MELLO, 2008, p. 175).

AS ROTAS DE COMÉRCIO
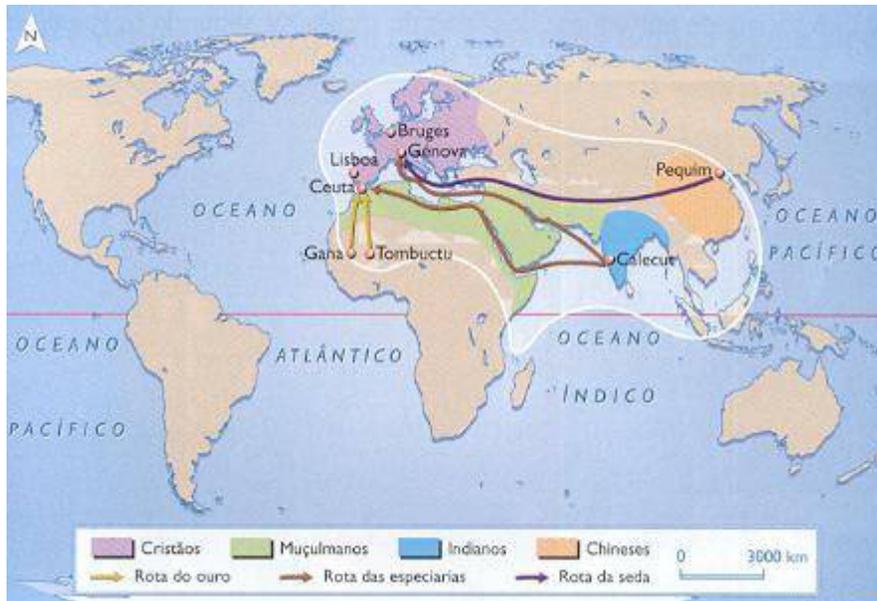
Figura 10: Principais rotas comerciais na Idade Média http://blog.clickgratis.com

"A reativação da atividade mercantil na Europa (não foi resultado de um processo) linear, sofrendo avanços e recuos. Todavia sua tendência geral foi sempre a expansão mercantil, até uma grande crise no século XIV.

O comércio desenvolveu-se por meio de rotas fluviais e marítimas, pois, como já foi dito, as condições das estradas eram péssimas, os assaltos freqüentes e os donos das terras cobravam taxas aos mercadores para passar por elas. O Mar Mediterrâneo, ao sul, e os mares do Norte e Báltico, ao norte, foram os eixos econômicos da Europa.

As cidades da Península Itálica (Veneza, Gênova e Pisa) redistribuíam pela Europa os produtos vindos do Oriente. Os venezianos traziam do Egito e da Síria especiarias (canela, cravo, pimenta, noz-moscada), vindas da Arábia, da Índia e da China. A grande rival de Veneza era Gênova, que revendia produtos orientais, em especial tecidos. Depois do século XII, Gênova passou a enviar para o Oriente tecidos de lã confeccionados em Flandres (parte da Bélgica e Holanda atuais) e em Florença, na Península Itálica.

No norte da Europa floresceu outro eixo comercial importante, no qual os mercadores comercializavam peixe salgado, cerveja, cereais, madeira, peles, tecidos de lã, vinhos, etc. A região de Flandres tornou-se um dinâmico pólo comercial. Gand, Bruges e Antuérpia eram suas principais cidades, produzindo grande quantidade de tecidos.

A intensificação do comércio entre o norte e o sul da Europa resultou no estabelecimento de ligações terrestres entre as duas regiões. A região de Champanhe, no leste da atual França, passou a ser um ponto de confluência entre Flandres e a Península Itálica. Para Champanhe dirigiam-se mercadores de todo o continente, realizando um comércio intenso e diversificado. Ali ocorriam as mais famosas feiras da Europa, as feiras de Champanhe, que se realizavam seis vezes ao ano, durante aproximadamente cinqüenta dias cada uma. As primeiras feiras aconteceram no século XI e recebiam proteção dos senhores feudais locais, que, em troca, cobravam taxa de entrada e saída, armazenamento, venda e armação de barraca.

As feiras tinham importância não apenas pelo comércio. Os últimos dias eram consagrados às transações financeiras. Até o século XI, a moeda praticamente sumira. Com o renascimento comercial, o dinheiro reapareceu. Foi criado o esterlino, peça de prata inglesa. Em ouro eram cunhados o escudo francês, o ducado de Veneza e o florim de Florença. No centro da feira, os banqueiros, chamados na época de cambistas, pesavam, avaliavam e trocavam as mais variadas espécies de moedas. Faziam-se empréstimos, liquidavam-se velhas dívidas, movimentavam-se letras de câmbio. A terra deixava de ser a única riqueza na Europa ocidental. Essa verdadeira revolução econômica fortalecia a burguesia, ligada ao dinheiro.

OS ARTESÃOS E OS COMERCIANTES

Até o renascimento comercial, a produção artesanal era realizada praticamente na própria casa do servo, para satisfazer às necessidades domésticas. Criavam-se os objetos necessários à vida no castelo. No entanto, a ampliação da demanda, o progresso das cidades e o reaparecimento do dinheiro possibilitaram aos artesãos mais hábeis abandonar a agricultura e viver da atividade artesanal. Para defender seus interesses, os artesãos organizaram-se em associações. Todos os que praticavam um mesmo ofício, numa determinada cidade, formavam uma associação denominada corporação de ofício.

Os mercadores também se associaram para defender seus interesses. As associações de mercadores chamavam-se hansas. Formadas no século XII, aglutinavam mercadores de diversas cidades. A mais poderosa de todas foi a Hansa Teutônica ou Liga Hanseática, reunindo cerca de noventa cidades do norte da Europa. Com uma numerosa esquadra e amplos recursos financeiros, monopolizou o comércio do Mar Báltico e estendeu seu raio de ação até a atual Rússia”. (COSTA e MELLO, 2008, p. 175/177)

A LIGA HANSEÁTICA

"Era uma associação de cidades do Sacro Império, que se constituiu visando a manutenção dos privilégios comerciais de seus mercadores e o monopólio da navegação nos mares Báltico e do Norte. Sua origem está nas primitivas associações de mercadores, e principalmente nas ligas urbanas que se formaram no Império desde a segunda metade do século XIII. Essas ligas – como as das cidades do reno, formada em 1254, e a que agrupava Lubeck, Kiel, Rostoc e Hamburgo, de 1280 – tornaram-se associações mais fortes e amplas, que passaram a atuar no início do século XIV. Em 1356 a Liga Hanseática foi formalmente organizada, agrupando cerca de 150 cidades de várias áreas do Sacro Império.

Sob a liderança de Lubeck, as cidades da liga adotaram uma política externa comum, caracterizada pela intransigente defesa de seus privilégios.

Entre a segunda metade do século XIV e o final do século XV, a Hansa manteve a exclusividade do tráfego marítimo pelos mares Báltico e do Norte. Comercializava peles, mel, cera, cereais, madeiras, âmbar, minérios, peixe salgado, cobre, ferro, vinho, sal, lã, tecidos, etc.

Típica organização medieval, a Hansa não pode sobreviver muito tampo à formação dos Estados nacionais europeus, nem à abertura das rotas transoceânicas do Atlântico, fruto das grandes navegações ibéricas". (ARRUDA e PILETTI, 1999, p.129).

OS MEIOS DE PAGAMENTO E A ATIVIDADE BANCÁRIA

As moedas emitidas pelo rei tinham circulação geral, e as dos senhores feudais, circulação local. Por isso, havia uma grande variedade de moedas. As de maior valor eram as que levavam mais ouro ou prata em sua liga. Devido à escassez de metais nobres (ouro, prata, cobre), não havia moedas suficientes para atender o desenvolvimento do comércio. Por isso, desenvolveram-se diversos meios de pagamento.

A letra de feira foi a primeira forma de pagamento a crédito. Depois, surgiram as letras de câmbio, documentos pelos quais a pessoa declarava ter recebido uma soma e se comprometia a devolvê-la em certa data, acrescida de um valor (o juro). A letra de câmbio foi um instrumento decisivo para a expansão do comércio.

Avinhão, 5 de Outubro de 1339
Em nome de Deus, amém. A. Bartolo e seus companheiros, Barna de Lucca e companheiros, saudações de Avinhão.
Pagareis por esta letra em 20 de novembro de 1339, a Landiccio Busdraghi e companheiros, de Lucca, trezentos e doze florins de ouro, porque eu recebi hoje esse dinheiro de Tancredi Bonagiunta e companheiros, à razão de 4 ¼ por cento a seu favor. E debitai na nossa conta. Dada a 5 de Outubro de 1339.
Francesco Falconetti ordenou-nos que pagássemos a vosso favor 230 escudos de ouro à companhia.
A Bartolo Casini e seus companheiros, em Pisa.
(PEDRERO-SANCHES, 2000, P. 160)

Com o desenvolvimento do comércio, os comerciantes e produtores tinham necessidade de tomar emprestadas grandes somas para manter e ampliar os negócios. Começaram então a surgir os bancos com o objetivo de emprestar dinheiro para os empreendimentos comerciais, agrícolas e industriais. Com o dinheiro tomado aos bancos, ampliavam-se os negócios, obtinham-se mais lucros e, assim, acumulava-se capital.

Nova situação histórica fez a Igreja mudar de atitude e tornar mais flexível a proibição da usura. Passou a ser aceito o empréstimo a juros nos seguintes casos: quando o emprestador corria risco de perder seu capital; quando deixava de ganhar enquanto seu capital estava emprestado; quando havia possibilidade de perda eventual" (ARRUDA e PILETTI, 1999, p. 131).

AS CORPORAÇÕES DE OFÍCIO

"As corporações eram compostas de três níveis hierárquicos: o aprendiz, o jornaleiro e o mestre. O aprendiz era iniciado pelo mestre nos segredos do ofício. O jornaleiro recebia por jornadas trabalhadas. Por fim, o mestre de artes e ofícios era o proprietário da oficina artesanal.
Aprendizes, jornaleiros e mestres faziam parte da mesma associação, lutando pelos mesmos interesses. Mas, em geral, as corporações de ofício possuíam como únicos membros plenos, com direito a voto, os mestres que se dedicavam a um mesmo tipo de trabalho e que possuíam sua própria loja. Assim, havia nas cidades diversas corporações, como, por exemplo, a dos sapateiros, a dos tecelões, a dos curtidores etc. As corporações tinham por objetivo, entre outros aspectos, regulamentar a profissão, controlar a qualidade e o preço dos produtos, dirigir o aprendizado da profissão e amparar os artesãos necessitados. Com as corporações, os profissionais já implantados em seu ramo de atividade conseguiam impedir que uma concorrência desenfreada se efetivasse, pois não bastava ter dinheiro para poder abrir um negócio". (COSTA e MELLO, 2008, p.177).

"Apoiado nas cidades, este grande comércio nascente beneficiava dois outros fenômenos de primeira grandeza.

Pelo estabelecimento de filiais distantes, ele completava a expansão da Cristandade medieval. No Mediterrâneo, a expansão genovesa e veneziana chegou mesmo a ultrapassar o quadro de uma colonização comercial. Os Venezianos obtiveram privilégios mais e mais exorbitantes dos imperadores de Constantinopla (em 992 e em 1082) e, após a IV Cruzada de 1204, fundaram um verdadeiro império colonial às margens do Adriático, em Creta, nas ilhas jônicas e egéias, que ainda nos séculos 14 e 15 englobava Corfu e Chipre. Os Genoveses transformaram seus estabelecimentos na costa da Ásia Menor e do norte do Mar Negro em pontos sólidos de escoamento de mercadorias e homens (escravos domésticos de ambos os sexos).

Ao norte, a Hansa estabeleceu seus mercadores em território cristão, em Bruges, Londres, Bergen, Estocolmo (fundada em 1251), mas também mais ao leste, em território pagão (Riga, em 1201) ou ortodoxo (Novgorod). À colonização comercial seguiu-se a colonização urbana e rural alemã que, ora pacífica e ora belicosa, adquiriu privilégios não apenas econômicos, estabelecendo aí uma verdadeira superioridade étnica. A própria colonização por via comercial também habituou os ocidentais a um colonialismo que lhes valeriam os êxitos e os dissabores conhecidos.

O grande comércio também desempenhou um papel capital na expansão da economia monetária. Centros de consumo e de troca, as cidades precisaram recorrer cada vez mais ao uso da moeda para regular suas transações. No século 13 veio a ocorrer uma etapa decisiva. Para atender as novas necessidades, Florença, Gênova, Veneza, os soberanos espanhóis, franceses, alemães, ingleses, tiveram que cunhar moedas, em primeiro lugar de prata com valor elevado, e depois de ouro [...].

Ao introduzir-se nas áreas rurais, modificando a renda feudal, o progresso da economia monetária passa a ser em elemento decisivo da transformação do Ocidente medieval.

(LE GOFF, Jacques. A CIVILIZAÇÃO DO OCIDENTE MEDIEVAL. p. 68/74)

MERCADORES E CIVILIZAÇÃO URBANA

"É na sua cidade que (os mercadores) pensam quase sempre. Ela está na primeira linha das suas preocupações, dos seus afetos. É certo que o patriotismo urbano dos mercadores também é interesseiro. A sua cidade é o centro, a base dos seus negócios e do seu poder. Se ela lhes deve muito, eles devem-lhe muito também. Sabem que ela é uma das infra-estruturas do seu próprio poder. Por isso, no estrangeiro, constituem logo uma unidade à imagem dela. As "nações"

dos mercadores estrangeiros, com a sua organização política, a sua organização corporativa, as suas confrarias e festas em honra dos seus santos, agrupadas num bairro da cidade estrangeira, fazem aí renascer a pátria que deixaram, mas que continuam a servir. Há em Bruges uma pequena Florença, uma pequena Gênova, uma pequena Luca. E quando um mercador não tem agentes no estrangeiro, representantes pessoais numa praça estrangeira, é a um compatriota que se dirige. Os Médicis dão aos seus subordinados indicações estritas sobre os confrades a quem devem dirigir-se nos lugares onde a casa não tem sucursais.

É claro que esse patriotismo nem sempre prevaleceu. Cedeu por vezes perante o interesse do lucro se por acaso entravam em choque e, com o tempo, atenuou-se. Inicialmente, o mercador não hesitava em pegar em armas, em bater-se e dar a vida pela sua cidade (...). Grandes personalidades dentro das suas cidades, os mercadores ricos eram, assim, chamados a representá-las até mesmo nas mais trágicas circunstâncias (...).

Mas com o tempo os mercadores recusaram-se a serem soldados. A extensão dos negócios já não lhes permitia perder o seu tempo na guerra, a extensão da riqueza permitia-lhes remirem-se. Passaram a recorrer a mercenários, criaram o sistema da condotta. O mercador faz negócios e paga ao condottiere que faz a guerra. O mercador tornou-se um civil.

Quando, no fim da Idade Média, se organizaram os Estados centralizados, se por um lado encontrou neles um quadro engrandecido para a sua atividade, o mercador nem sempre transferiu para estas grandes pátrias nascentes o amor que tinha pela sua pequena pátria urbana. Após a conquista francesa de Carlos VII, contra os ingleses, foram muitos os mercadores "colaboradores" que tiveram de fazer restituições ou virar a casaca (...). Não recuando sequer perante este limite extremo que é a traição, os grandes capitalistas inauguravam a sua carreira de potência internacionalista, súditos do reino do dinheiro que só conhece fronteiras quando elas favorecem os seus interesses.

Mas, ao longo de toda a Idade Média, o amor dos mercadores pelas suas cidades manifestou-se, sobretudo, no cuidado que puseram em embelezá-la. Por vezes, como sucedeu na Alemanha, impõem mesmo o plano da cidade. H. Planitz pode escrever que no século XIII "o mercado não devia ser apenas o centro da cidade, mas toda a cidade deveria ser construída a partir desse ponto central". (...) Por toda a parte os mercadores contribuíram para o adorno monumental das suas cidades. Em primeiro lugar, pelas suas casas, esses belos palácios a que já nos referimos . (...) E ainda pelos monumentos religiosos que mandaram

construir ou ornamentar, pela esplêndida decoração de afrescos que mandaram pintar, pelos enfeites dos capitéis, pelos medalhões como os do campanário de Florença, verdadeira enciclopédia dos ofícios, pelos vitrais. Mas também por todos os edifícios comunais onde se manifestava o seu poder político. Paços municipais e torres sineiras de Flandres, palácios comunais e campanários da Itália" (...). (LE GOFF, 1982, p. 93/94).

O MERCADOR MEDIEVAL FOI UM CAPITALISTA?

"É evidente que a célebre tese de Werner Sombart, para quem o grande capitalista nasceu com os tempos modernos, com o renascimento e a reforma no século XVI, já não pode ser aceite agora que se conhece melhor o mercador-banqueiro medieval.
Sem dúvida, é melhor considerar o grande mercador medieval como um pré-capitalista. De acordo com uma definição estrita do capitalismo, tal como a que nos é dada pela doutrina marxista, a Idade Média não conheceu o capitalismo. O seu sistema econômico e social é a feudalidade e é no interior desse quadro que agem os mercatores. Mas eles contribuem para fazer estourar este quadro, para arruinar as estruturas feudais. Ao agirem sobre uma evolução agrícola ativada pela intrusão dos capitais urbanos – pelo menos em regiões como a Itália ou a Flandres -, precipitada pelo alargamento de uma economia mundial que tem repercussões profundas sobre os preços agrícolas e industriais, os grandes mercadores preparam o advento do capitalismo e, A.Kosminsky viu na expropriação da propriedade fundiária das classes rurais, e especialmente na Inglaterra – evolução na qual tomaram parte os mercadores – a origem da acumulação primitiva do capital. O grande mercador medieval põe já em marcha a concentração dos meios de produção nas mãos de entidades privadas, acelera o processo de alienação do trabalho dos operários e dos camponeses, transformados em assalariados. E certos historiadores marxistas como V.I.Ruthenburg, ao estudarem as companhias florentinas do século XIV, não hesitaram em ver nelas os primórdios do capitalismo no sentido rigoroso do termo. Mesmo um historiador como Frantisek Graus, que recusa falar de capitalistas na Idade Média reconhece que há elementos de capitalismo e que em Itália há mesmo mais do que isso. Tem razão em protestar contra concepções ante-científicas e ante-históricas que se reclamam de um "capitalismo eterno" e em exigir a prioridade para o estudo das estruturas sobre o das mentalidades. Cita também Marx segundo o qual "as corporações medievais tendiam poderosamente a impedir a transformação do mestre artesão em capitalista, ao limitarem

a um número máximo muito baixo os operários que um único mestre podia empregar não se transformando em capitalista o possuidor de capitais ou de mercadorias senão quando os mínimos fixados a produção ultrapassavam largamente o máximo medieval". Mas aqui o autor de O Capital, tributário dos conhecimentos históricos da sua época, confundia com os artesãos os grandes mercadores que ligavam pouca importância aos regulamentos das corporações, e subestimava consideravelmente a extensão qualitativa e quantitativa do seu poderio econômico e social.
É preciso não esquecer que, de fato, a economia medieval permanece fundamentalmente rural, que nas cidades o artesanato predomina, que os grandes negócios não são senão uma camada superficial; Mas pela massa de dinheiro que movimenta, pela extensão dos seus horizontes geográficos e econômicos, pelos métodos comerciais e financeiros que utiliza, o mercador-banqueiro medieval é um capitalista. É também pela mentalidade, pelo tipo de vida, pelo lugar que ocupa na sociedade". ((...). (LE GOFF, 1982, p. 32/33).

CONCLUSÃO

Restrito na Alta Idade Média a um pequeno movimento de trocas e de circulação de mercadorias, o comércio europeu respondeu positivamente a um conjunto de circunstâncias, revitalizando-se e impulsionando outras mudanças na economia e na sociedade medievais.

Localizado inicialmente nas áreas urbanas, o grande comércio estimulou o desenvolvimento da atividade bancária e artesanal, das corporações de ofício e concentrou todo o poder econômico nas mãos do mercador.

Utilizando rotas fluviais e marítimas, as atividades comerciais estabeleceram ligação entre o Norte e o Sul da Europa e incentivaram a formação de pelo menos dois grandes eixos econômicos: o Mar mediterrâneo, ao sul, e os mares do Norte e Báltico, ao norte.

RESUMO

Vários fatores contribuíram para a renovação da economia na Europa Ocidental a partir do século XI. O crescimento da população, possível num ambiente agora mais seguro e o aumento da produção de alimentos fizeram crescer as trocas e a circulação de mercadorias em rotas terrestres e marítimas.

"Reduzida a mortalidade acidental, melhoradas as condições de alimentação e as possibilidades de subsistência produz-se um incomparável surto demográfico que fornece à cristandade consumidores, produtores, mão de obra, um reservatório, onde o comércio vai buscar os seus homens".

A interligação entre comércio e cidades foi decisiva para o desencadeamento das mudanças que vimos analisando. Ao tempo em que forneciam as condições para a reativação das atividades comerciais, as cidades também progrediam com os resultados alcançados. Conforme Le Goff, "é ao desenvolvimento das cidades que estão ligados os progressos do comércio medieval; É no quadro urbano que é necessário reintegrar o crescimento do mercador medieval".

Refletindo o crescente movimento das rotas de comércio, as feiras vão ganhando destaque e atraem cada vez mais mercadores em busca de negócios. Por sua vez, o aumento das rendas e a busca por novas formas de investimento e de lucro, se refletem no estímulo à produção, na expansão da economia monetária e em outras transformações que acabarão provocando a crise do feudalismo.

ATIVIDADES

1. Por um conjunto de circunstâncias, incluindo o chamado renascimento urbano, o comércio ganhou notoriedade a partir do século XI e acabou por impulsionar importantes mudanças na economia e na sociedade européia. Explique as circunstâncias que favoreceram a expansão da atividade comercial.
2. Fale sobre a importância das feiras para o desenvolvimento das atividades comerciais e financeiras.
3. Qual a relação entre mercadores e civilização urbana?
4. Afinal, "o mercador medieval foi um capitalista"? Justifique sua resposta.

PRÓXIMA AULA

As transformações do feudalismo constituem tema a ser abordado na próxima aula.

REFERÊNCIA

ANTONETTI, Guy. **A Economia Medieval**. Tradução de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Atlas S. A., 1977.

COSTA, Luís César Amad e MELLO, Leonel Itaussu A. **História Geral e do Brasil: da Pré-História ao Século XXI**. São Paulo: Scipione, 2008.

DOBB, Maurice. **A Evolução do Capitalismo**. Tradução de Manuel do Rêgo Braga. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1963.

FRANCO Jr., Hilário. **A Idade Média: o Nascimento do Ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

HEERS, Jacques. **O Ocidente nos Séculos XIV e XV** – Aspectos Econômicos e sociais. Tradução de Anne Arnichand da Silva. São Paulo: Pioneira, 1973.

HODGETT, Gerald A. J. **História Social e Econômica da Idade Média**. Tradução de Mauro Roberto da C. Souza e Tayná Pinheiro da C. Souza. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

------------------------. **Mercadores e Banqueiros da Idade Média**. Tradução de Orlando Cardoso. Lisboa: Gradiva, s/d. (Coleção "Construir o passado").

PEDRERO-SANCHEZ, Maria Guadalupe. **História da Idade Média:** Textos e Testemunhas.São Paulo: Editora UNESP, 2000.

PERROY, Èdouard - Org. A Nova Primavera da Europa. In. **A Idade Média**. O período da Europa Feudal, do Islã e da Ásia Mongólica. Tomo III, vol. 2. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

PIRENNE, Henri. **História Econômica e Social d a Idade Média.** Tradução de Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo: Mestre Jou, 1978.